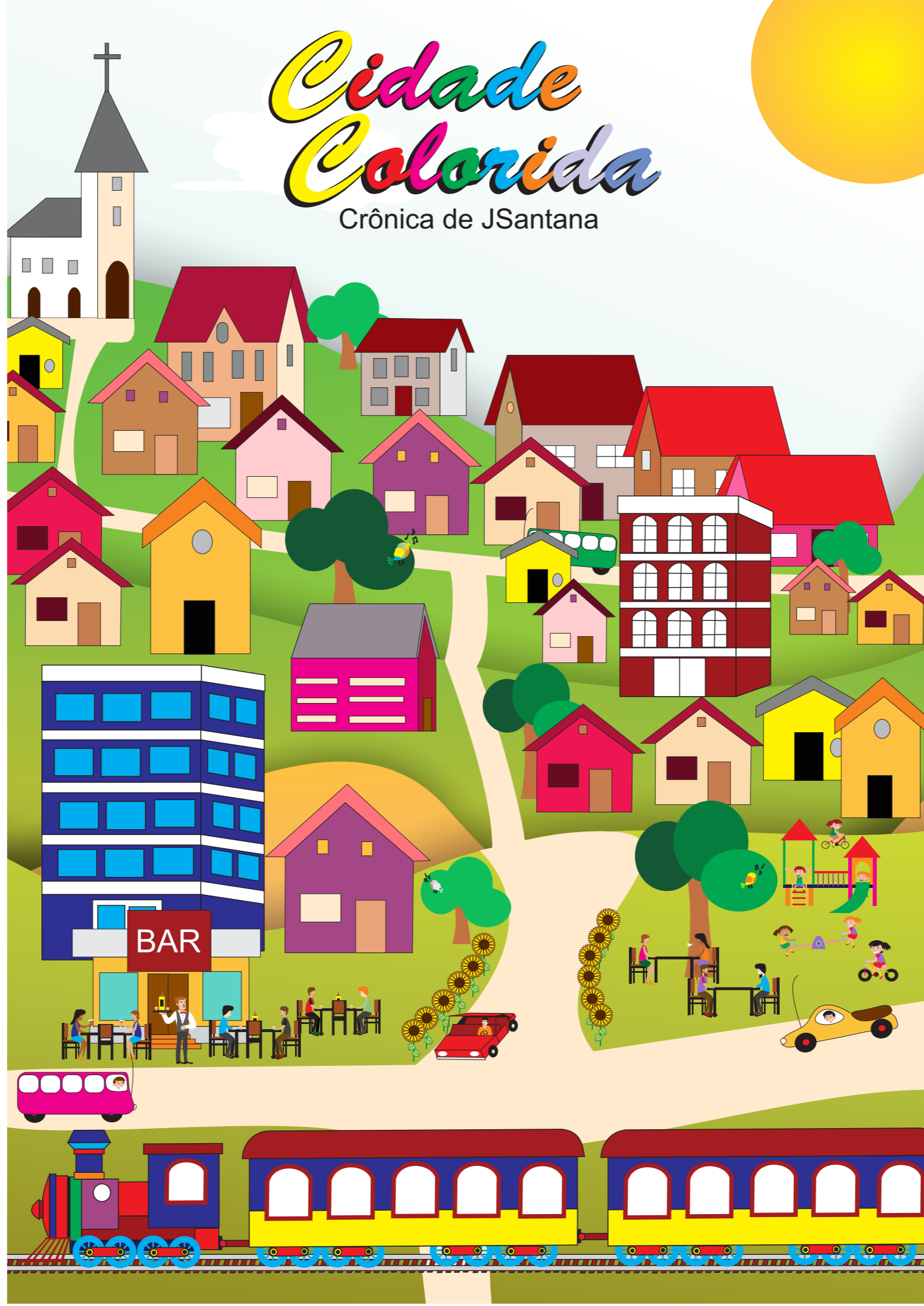


Cidade Colorida

Crônica de JSantana



A fumaça no recinto toma a amplitude. O silêncio do quarto é invadido pelo insistente canto dos pássaros. Vozes se confundem com a sirene ____ é a aproximação da máquina ____, o trem, com seu fatídico assobio, previne da sua passagem à Cidade Colorida.





Da janela vê-se as casas abraçadas pelas torres e arranha-céus. Os carros pedindo passagem aos pedestres perdidos, perdidos pedestres que se ultrapassam na fresca tarde, e tão esperada, de sexta-feira. É primavera.

Nos bares, as taças estão sendo lustradas, à espera dos convivas.
O vento despenteando-nos os despenteados cabelos.
Enquanto na rua os megafones vendem as suas sentenças: pamonha?!
Olha a pamonha! Milho-verde, cocada, sorvete, pamonha!!! Olha eu... pico-
lé!... Algodão-doce, vassouras, abacaxi, laranja, girassóis..., girassóis?



Crianças brincam nos pátios das escolas. A eufórica gritaria tira o silêncio da silenciosa e pacata cidade, mas a tristeza de saberem que se aproxima o momento de irem para as suas casas e que só se reencontraram na segunda-feira.



Mas se reencontrarão na pracinha noutra tarde de domingo: de um lado, as suas mães dividindo as novas descobertas dos seus filhotinhos; e do outro, os velhos barbudos agendando a pelada semanal.

Os pássaros cantam, e como é linda essa sinfonia.





Deitado, e envolvido pela cortina de fumaça que envolve todo o quarto, os olhos perdidos no teto e o coração aberto, seus feéricos cantos ficam mais nítidos aos ouvidos. Eles se comunicam.



Dormimos acordados quando permitimo-nos nos envolver, escutá-los, senti-los; a gritaria da criançada, as vidas além dos arranha-céus, o brinde de cada taça, a torcida de cada jogada, conduzindo o trem, atravessando a rua, vendendo a sua sentença. Enamorados com a vida... sendo a Cidade Colorida.

